

# Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR  
**CARLOS MALHEIRO DIAS**  
DIRECTOR ARTÍSTICO  
**FRANCISCO TEIXEIRA**

\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
**J. J. DA SILVA GRACA**  
\*\*\*

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão  
**Rua Formosa, 43-LISBOA**

1909



MADAME JULIETTE ADAM

Assinatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colónias e Hespanha:	Por ano.....	48000 rs.
	semes. re.....	24000
	trimestre.....	18000
Assignatura conjunta de «Seculo», «Suplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»:	Por ano.....	85000 rs.
	semes. re.....	48000
	trimestre.....	28000
Portugal, colónias e Hespanha	re (em Lis. us.).....	700

**BICYCLETAS**



...a inglesa... das e elegantes desde **22500** rs. Bicycletas **Simplex**, **Humber** & **S. A.**, ultimos modelos, Bicycletas inglesas **Radford**, model, especialmente feito para a nossa casa, mu lo sculla, propria para aluguel, com quadro reforçado, nos nickela-dos, roda livre, guarda-lamas e 2 travões, preço **325000 rs.** Enorme sortimento de accesorios, lacs com: protectores Contintental, Dunlop, Coventry, Camaras d'ar, Buzinas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preços har altissimos. **GRANDE**

**DEPOSITO** de mltas machinas falantes e disco **Simplex** dos mais nobres e Machinas falantes. **CAÇA SIMPLEX**, Bicycletas, Discos e Machinas falantes. **Rua do Socorro, 48 e Rua de Santo Antão, 32 e 34 - LISBOA.**

**Madame**

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chromante e physiognomista da Europa



**Brouillard**

**D**ia, o passado e o presente e o futuro, incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiognomia e pelas applicacoes praticas das theorias de Hall, La tier, Desbarrolles, Lambroe, d'Arceuiligne, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se he seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

**Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:**

**43, Rua do Carmo, 43, sobre-loja - LISBOA**

Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 rs., e 5\$000 rs.



Meio seculo de successo  
**ESTOMAGO**  
O Elixir do Dr Mialhe  
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente  
**GASTRALGIAS, DYSPESIAS.**

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

**COMPREM AS**  
**Sedas Suissas**  
Peçam as amostras das nossas sedas Novidades de primavera e do verão para vestidos e blusas:  
**Ottoman, Liberty, Côtele, Crépe do Chino, Louisiana, Tafetas, Mousseline** (30 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em negro, branco e cor assim como as blusas e vestidos bordados em lãstido, la, tole e seda.  
Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos particulares e francas do porte a domicilio.**  
**SCHWEIZER & Co**  
**Lucerna E H. (Suissa)**  
Exportação de sedas Fornec. CORTE REAL

Os Agentes em Portugal  
**REEMBOLSAM o DINHEIRO** a quem não tiver tirado resultado  
na **BRONCHITE**  
**TOSSE, ASTHMA**  
**TISIS PULMONAR**  
empregando o  
**XAROPE FAMEL**  
PARIS  
86, Rue de la Réunion  
PREÇO: 800 REIS  
Frases de parca em Lisboa Portugal por 2 francos.  
DISTRIBUIDOR GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus LISBOA

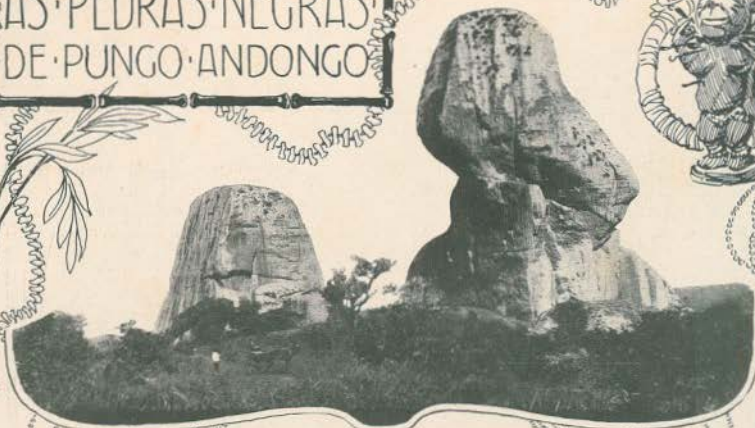
**COMPANHIA DO**  
**Papel do Prado**  
Sociedade anonyma de responsabilidade limitada  
Proprietaria das fabricas do Prado, Mananala e Sobrelho (Thomar), Penedo e Casal d'Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria a Velha), installadas para uma producção annual de cinco milhoes de kilos de papel e dispondo dos ma hinitimos mais aperfeicoados para a sua industria.  
\*\*\*\*\* ESCRITORIOS E DEPOSITOS: \*\*\*\*\*  
**LISBOA - 270, RUA DA PRINCEZA, 276**  
**PORTO - 49, R. DE PASSOS MANUEL, 51**  
Enderecos telegr.: LISBOA, COMPANHIA PRADO; PORTO - P. B. TO - LISBOA. Numero telephonic: 508.

**CASTANHEIRO**  
ARJADORES ESTOFADORES  
PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 38 - LISBOA  
TELEPH. 1346  
ENDEREÇO TELEGRAPHICO (ASTALJ.)

**AGENCIA DE VIAGENS**  
R. Bella da Rainha, 8-Lisboa  
**Ernst George**  
SUCCESORES  
Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.  
Viagens ao Egypto e no Nilo  
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte  
Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
Cheques para hotels.  
**Viagens baratissimas**  
A TERRA SANTA



# AS PEDRAS NEGRAS DE PUNGO ANDONGO



Um quadro curioso:

«N'Golla-ganzo»



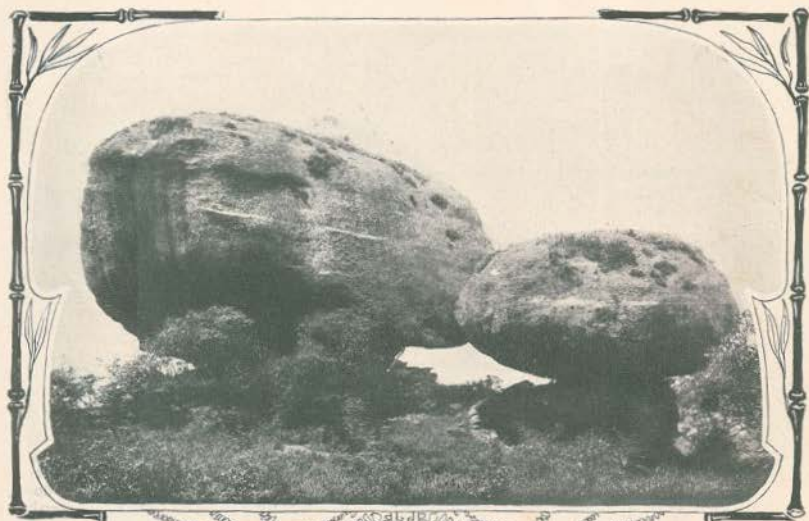
Ao escrever esta noticia para acompanhar as photographias que a *Illustração Portuguesa* hoje insere nas suas paginas, podia referir-me ás tradições d'esta antiga villa de Pungo Andongo, onde esteve desterrado o ministro portuguez José de

Seabra da Silva, no tempo do grande marquez de Pombal.

Fica esta curiosa villa do districto de Loanda, ao norte da margem direita do rio Quanza, a 430 kilometros d' littoral e a 1:100 metros de altitude.



Pungo Andongo: Vista da villa



Pedras de

«Calais»

Entre uma garganta formada por altos penhascos, constituídos por conglomerados de calhaus roliços, alguns inacessíveis, a povoação serpenteia n'uma extensão d'uns quinhentos metros e tem o aspecto



mais phantastico e maravilhoso que nos seja dado imaginar.

Quando, na rigorosa quadra da invernia, depois das enormes chuvas, as pedras começam de escorrer toda a agua



O soba do «Xingue» avassallado pelo chefe do concelho o sr. Simão Lahoreiro. Acompanham-no os seus macótas



Tocadores de marimbas

que o temporal lhe lançou, despenhando-se em toalhas de espuma, offerece-nos a natureza um espectáculo aterrador e, ao mesmo tempo, magistoso!

Pungo Andongo, é séde de concelho, sendo seu actual chefe o sr. Simão de Laboreiro.

Tem um modesto mas lindo templo, consagrado á imagem de Nossa Senhora do Rosario, e onde de quando em quando se realisam brilhantes festividades, a que concorrem todos os habitantes africanos do concelho, ali reunidos pela fé na santa imagem, que alcançou entre elles a fama de não ser avara nos mais inconcebíveis milagres.

Para o brilhantismo d'estas festas, muito concorre a infatigavel boa vontade do nosso parochio, rev. padre Arthur Baptista, que conseguiu introduzir no ouvido de alguns rapazes, que não conhecem uma nota de solfa, a musica completa das mais difficeis missas, e a quem se deve a organisação d'uma pequena banda (da qual damos uma photographia), escolhida de entre os oitenta alumnos indigenas de que se compõe hoje a aula de que elle tambem é professor régio.

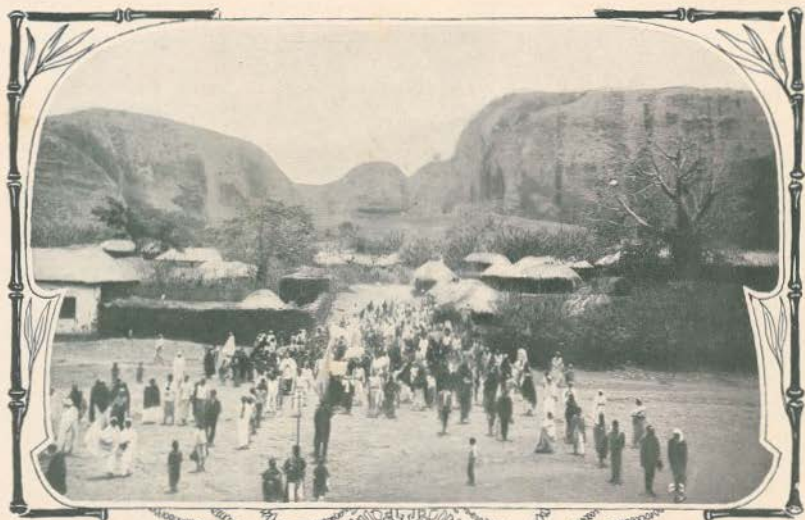
Ao lado da igreja fica a *quitanda*, o mercado da terra, onde os pretos teem á venda fuba, mandioca, garapa (bebida fermentada do milho ou da canna), ginguba, etc., etc.

Entre as muitas curiosidades dignas de serem vistas em Pungo An-



Residência do chefe do concelho: a continência á bandeira





A procissão de Nossa Senhora do

Rosário em 4 de outubro de 1908

dongo, ha as celebres pégadas da rainha Ginga, que jámais esquece mostrar ao viajante.

São umas enormes pégadas, gravadas na pedra, á beira d'um regato, e que a



lenda nos diz serem da rainha Ginga, marcadas alli na occasião da sua fuga, quando esta fortaleza natural lhe foi tomada pelas tropas portuguezas.

Pungo Andongo foi *in illo tempore* um



O rev. padre Arthur Baptista com os alumnos da sua escola



grande empório commercial; hoje, porém, com a proximidade d' linha ferrea, avançando para o interior da Lunda, está este ponto completamente morto, conservando sómente duas casas commerciaes; mas não deixa, entretanto, de ser uma das mais populosas villas d' Africa.

Do seu excellente clima, da sua deliciosa e limpida agua e do seu feracissimo solo muito tem escripto os medicos e exploradores que por ali tem passado.

1 — Fungo Andongo. — Funcionalismo, (sentados da esquerda para a direita) Padre Arthur Baptista—Simão Labeiro, chefe do concelho—Dr. Carlos Chaves, delegado de saude; (em pé) Julio de Castro, delegado de fazenda—Joachim Romão, escrivão da administração—Raul de Mello, chefe da estacão telegraphica. 2—A banda de musica organizada pelo intelligente padre Arthur Baptista



3—Caminho de ferro de Malange. Primeiro comboio por conta do Estado em 1 de fevereiro de 1909. 1 Engenheiro Antonio Armindo de Andrade, director dos caminhos de ferro de Lunda. 2 Engenheiro Julio Baptista d'Almeida Ares, chefe da brigada de construcção. 3 Dr. Antonio André Rodrigues, medico da brigada. 4 Carlos Agostinho da Costa, conductor de 1.ª classe. 5 Capitão Manuel da Silva, chefe dos "massens geracs. 6 Arthur da Rocha, apontado



Uma família de

Pungo Andongo

Eis em breves linhas a descrição de uma das maravilhas mais interessantes e mais desejadas da nossa África Occidental, que o é sem duvida esta cordilheira de monstruosos penedos, mais vulgarmen-



te conhecidos pela denominação de Pedras Negras, de Pungo Andongo, por causa da negrura de que é revestida esta enorme móle de pedra.

ANTONIO DE BRITO.



A «quitanda» e a igreja parochial

(Clichés do autor)





**LUIZ FIGUERAS.**—O impulso de engrandecimento civilizador, que se denuncia em todos os aspectos da vida do Brazil moderno, acentua-se tambem em todas as fórmas de arte, que se desenvolvem brilhantemente, aquecidas pela exuberancia do sentimento que a natureza pujante da terra americana inspira.

Não admira, pois, que o Brazil apresente hoje com orgulho uma distincta pleiade de artistas de todos os generos, na qual figura, como exímio violoncellista, Luiz Figueras, o talentoso musico que actualmente se encontra de passagem em Lisboa, no regresso de Italia, onde esteve completando os seus estudos, durante quatro annos, com o insigne maestro Serato-Francesco.



**UM INCENDIO NO TEJO.**—No dia 4 declarou-se incendio a bordo do vapor dinamarquez *Dan*, que se encontrava fundeado em frente do entreposto de Alcantara, e que estava descarregando a carga de enxofre que conduzia.



1—O coche fúnebre áz do qual seguíam os srs. Adolpho Burnay e D. Thomaz de Mello Breyner, irmão e genro do finado, operarios e empregados  
2—Um aspecto do cemitério

**CONDE DE BURNAY**

Falleceu no dia 29 do mez findo este conhecido banqueiro, que foi sem duvida um dos homens que





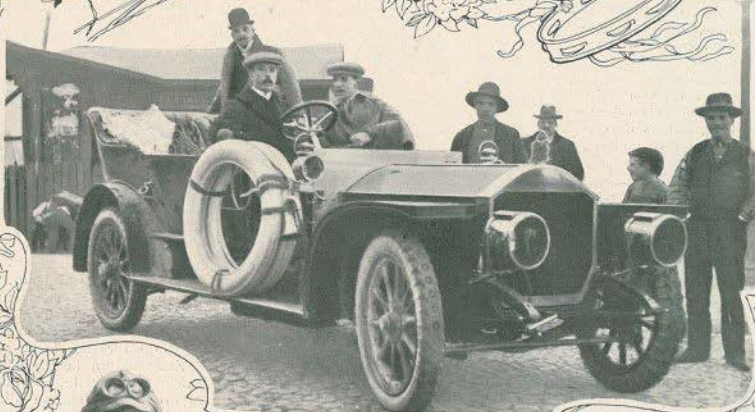
mais larga interferencia teve na vida financeira do paiz no periodo dos ultimos quarenta annos, e por isso tambem um dos que foram mais apaixonadamente discutidos. O conde de Burnay, que ha bastante tempo se acnava doente, contava 72 annos de idade. As nossas photographias reproduzem varios aspectos do seu enterro.



1—O sr. conde de Burnay (Cliché de ARNALDO PONSECA). 2—O feretro saindo da capella do cemiterio. 3—A entrada no cemiterio do Alto de S. João: o primeiro turno pelos srs. conselheiros Wenceslau de Lima, Espregueira, Villaça, conde de Payó Vieira, barão Fallon, ministro da Belgica (Clichés de BRNOLIEL).



# DE LISBOA A MADRID... A 50 KILOMETROS A HORA.



1—A partida de Catilhas  
2—Garcia Rugeroni  
3—Arnaldo Fonseca



Foi n'uma d'essas brandas noites de outomno—em que a saudade do verão parece aquecer ainda céus e terra,—na varanda do casino do Monte Estoril. Pelas janellas abertas da sala de jogo vinham os pregões nasalados dos *croupiers*, o rumor das bolas de marfim nas bacias giratorias, o tinir das fichas de madreperola, e esse murmuro de colmeia que sempre volita em redor das bancas de roleta. Rabecas chiavam em baixo, no salão de concerto; e sob os clarões da luz electrica, diante do mar sereno, que resplandecia ao luar com scintillações de saphira, uma multidão vestida pelos ultimos figurinos, perfumada pelas ultimas essencias, como uma compararia contractada para um simulacro das ou de Monte Carlo, representava com alegrias postigas a pantomima brilhante da felicidade humana.

No pequeno grupo, que se aborrecia a ouvir-me, falava-se de Hespanha, quando Garcia Rugeroni, que chegára de Londres com o ultimo modelo de *rocking-chair* e debruçando sobre o meu hombro a face escanhoada á ingleza, me propoz:

—Quer vir commigo a Madrid, em automovel?



Desprendido de analisar esse projecto inesperado, que subitamente me privava das commodidades do *sleeping*, respondi com a precipitação com que todo o bom portuguez responderia:

—Aceito.

Tres mezes passaram: e já no fim de janeiro, quando os telegrammas de Madrid annunciavam cinco



Só então esse vago projecto, em que nunca se delivara a minha imaginação vagabunda, me appareceu em toda a sua nitidez aventureosa. Correr 700 kilometros, no rigor do inverno, atravez do Alentejo, da Extremadura hespanhola e das altas planicies de Castella, ao encontro das neves do Guadarrama, na convalescença d'uma *grippe*, pareceu-me um desatino. Mas o que mais n'esse instante me preocupava era a difficuldade em en-



graus abaixo de zero e eu curava uma *grippe*, enclaustrado no meu gabinete soalheiro, encolhido no *cor-sy-cornet*, entre almofadas, a lê romanticamente o theatro de Victor Hugo, García Rugeroni prevenia-me pelo telephone de que tres dias depois partiriamos para Madrid, n'um Napier de 40 cavallos, acabado de chegar de Inglaterra, e onde poderia dispôr d'um logar para um amigo.



1—Uma praça de Elvas ás 6 e meia da manhã. 2—A unica *pane* n'um percurso de perto de 700 kilometros: uma camara de ar que rebenta. 3—Elvas vista do forte de Santa Luzia. 4—N'uma rua de Elvas

contrar o amigo que voluntariamente quizesse compartilha-o. Cinco graus abaixo de zero e 700 kilometros em automovel não eram positivamente seducções com que fôsse facil arrancar alguém ás emolientes doçuras de Lisboa. Esse amigo, porém, encontrei-o; e no dia 28 de janeiro, ás 4 horas da tarde, na estação fluvial da Parceria, Ar-





naldo Fonseca, de calção e *kni-cker-bockers*, abria-me os braços, como um heroico companheiro de aventura. Em redor, as varinas e os catraeiros contemplavam-no com espanto. A sua bagagem reduzia-se a uma *valise* condecorada com etiquetas de hotéis das «sete partidas», a duas máquinas *photographicas* e um *couvre-pieds*. Mas os bolsos do seu casaco debruado de peles empolavam com todo um arsenal previdente de *touriste*: luvas, oculos, um frasco de *cognac*, pacotes de chocolate, a neces-



saria *Browning*, *bonnets* do *Cristy*, rolos de adesivo antiseptico e o ultimo livro de *Anatole France*...

Dentro, no caes, o automovel esperava a chegada do vapor, sob a guarda do corredor *Cundy*. O ceu nublado annunciava chuva. Pintado de verde com a sua *carrosserie* rebrihante, o esplendido *Napies* parecia ter sahido das officinas, como uma mulher do *boudoir*, sem uma pinta de lama



1—A passagem do aqueducto das Amoreiras  
2—Não se pode passar... No posto fiscal portuguez do Caia  
3—Passez s'abstien... No posto fiscal hespanhol do Caia



a enodoar-lhe os vernizes. Dentro alegravam os assentos, confortáveis como poltronas do Maple, almofadas de setinete e de cretone. Um cesto de vime, a um canto, garantia-nos, através de todas as vicissitudes, o alimento. Mãos de anéis ali tinham acumulado desde a lata de *corned-beef* até ao peru assado, sem esquecer as sobrezezas e os vinhos. Dir-se-hia que íamos para um *pic-nic* a Cintra.

Depois de trocadas com Cundy os *every glad to know you* e *and so do I* da praxe, e arumadas as bagagens sumarias que nos acompanhavam — as malas haviam sido remetidas de vespera para Madrid — o automóvel deslousou nas calhas da ponte de embarque, fazendo



os primeiros metros do seu *raid* Lisboa-Madrid. Todos levamos para essa viagem de 700 kilometros, que se nos afigurava facil, esse bom humor de mocidade, que resiste ás maiores contrariedades. Conduziamos um dos melhores corretores da casa Napier e o «seis cylindros» trabalhava com a regularidade de um chronometro sahido do relojoeiro. Quasi lastimavamos agora que Madrid não estivesse no itinerario como uma simples *étape* de destino mais remoto. O que eram 700 kilometros para aquella machina devoradora de espaço? Desde que o primitivo projecto de um *record* se alterára n'uma simples prova de excursionismo, a viagem duplicára de interesse. Haveria assim tempo de visitar as povoações do percurso, de vêr as ruínas monumentaes de Merida e Trujillos, os palacios de Oropesa, pernoitando n'uma d'essas villas da velha Extremadura hespanhola, onde se esboçam castellos feudaes e as mulheres fiam as rocas de estopa nos adros das egrejas romanicas ou nas soleiras dos immensos solares deshabitados—indo almoçar no sabbado a Madrid. Mas chegados a Setubal, d'onde só deveriamos partir na madrugada de sexta-feira, as impaciencias de passar as fronteiras desorganizaram depressa esse programma preventivo, e á meia-noite em ponto, com os pharoes accesos, o *Napier* aventurava-se em direcção a Elvas, pelas



1—Mais um viajante: O carabineiro do posto fiscal do Caia acompanhando o automovel até Badajoz  
2—A travessia da ponte de Las Palmas, sobre o Guadiana, em Badajoz



dello. E de repente, ao mesandar de uma curva, erguem-se das valetas tres vultos de carapuço e de jaleca, brandindo os varapaus. Machinalmente, n'um gesto instinctivo de defeza, ante a aggressão feroz, as mãos procuram os revolvers. Mas já n'uma nuvem densa de poeira que o Napier deixa atraz de si, como uma nevoa de bolide, os aggressores desaparecem. Debruçado sobre o volante, attento ás menores sinuosidades do caminho, Cundy parece dirigir o automovel n'uma pista. Ha um momento em que a sua voz alegre grita:

—*Hundred kilometres!*

E tem-se a impressão orgulhosa de que se reduziu o poder do tempo e do espaço, que aquella machina prodigiosa, movida a explosões de carboreto de hydrogenio, poderá um dia, realmente, elevar-se nos ares, navegar no ether em direcção aos planetas, devassar todas as incognitas do universo! O frio, multiplicado pela deslocação formidavel da marcha, ensangenta os labios, entorpece as articulações. Ha instantes em que parece que se vão, arrebatado nas azas fortes da ventania; e como se de cada lado da estrada uma interminavel fita cinematographica estivesse sendo projectada com uma rapidez delirante sobre o *écran* do céu, a paizagem, retocada

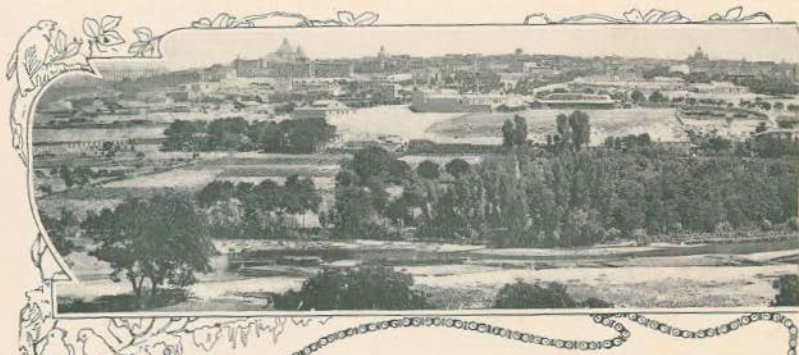
estradas desertas, onde ninguém, áquellas horas mortas, poderia guiar-nos, e onde tão facil seria bifurcar por caminhos errados. N'essa cegueira, em que forçoso se tornava constantemente tactear, consultando o itinerario, as velocidades de um *record* tiveram que abrandar nas hesitações constantes em que qualquer encruzilhada nos deixava, sem encontrar sequer um marco indicador que nos orientasse — um d'esses marcos cuja ausencia em estradas portuguezas delimita a Europa civilisada d'este simulacro occidental de civilisação em que vivemos. Assim transpuzemos os

45 kilometros que separam Setubal da aldeia pauperrima do Canha, onde de repente nos vimos encurrallados n'um dedalo de vielas em declive. A estrada sumira-se! Foi preciso correr a povoação á luz das lanternas para a encontrar de novo, a trinta metros além. O automovel desceu, em prodigios de acrobacia, uma ladeira, e reentrou finalmente no leito d'essa estrada internacional, que assim joga as escondidas com os transeuntes...

De novo, através da noite que o luar clareava, o automovel ia devorando os espaços, projectando na estrada a luz conductorica dos seus grandes olhos de acetilenio. O delirio da velocidade obliterára a consciencia do perigo. As arvores, os casas, os postes telegraphicos passar, vertiginosamente, como n'um turbilhão de pesa-



1 — Passando a routeira  
2 — As ruínas monumentales de Trujillos



Vista geral

de luar, deslisa n'uma fluidez de sonho, tal a floresta do Macbeth, com correrias loucas de arvoredos.

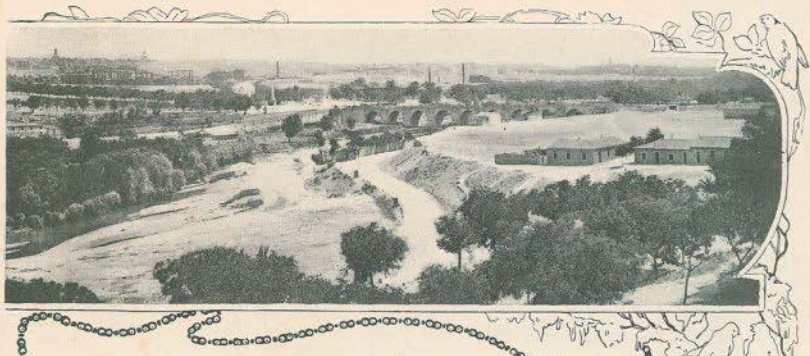
A's duas horas passa-se em Vendas Novas; trinta minutos depois avista-se o castello de Montemór. Mas apenas como em visões fugitivas, se entrevêem as villas adormecidas, quando não acontece ter de se procurar o caminho, como em Arrayolos, através do labyrinth das ruas, e percorrer, sem encontrar viv'alma, essas necropoles caídas de branco, onde debalde a buzina do automovel enche com os seus bramidos o sepulchral silencio. A's quatro horas o Napier depara com a scenographia militar dos muros de Estremoz e envereda, como uma machina de guerra, pela porta abobodada, onde bruxoleia a luz de

um lampeão. A noite fechou de todo a sua palpebra cançada. Apagou-se a claridade ultima do luar. E assim recortadas nas trevas, as muralhas em ruina parecem reedificadas, n'uma resurreição guerreira do passado, como se ali perto, em Montes Claros, acampassem os exercitos do marquez de Marialva e do marechal de Schomberg, aguardando a investida dos eastelhanos, ou como se, no seu castello, Santa Izabel estivesse, áquella hora, expirando... Os 13 kilometros até Borba fazem-se n'um quarto de hora, de um só impeto, e a aurora começa recolhendo no céu os seus crepes nocturnos. Os carros alemtejanos principiam a encher os caminhos, n'uma matinal azafama de feira. E' agora necessario afrouxar a marcha em lentidão progressiva até Villa Boim, tantas são as varas de porcos, as manadas de bois e as recovas de mulas... Finalmente, a madrugada tinge de cõr de rosa os horizontes. A geada branqueia as terras de sementeira. Ao longe,



O terminus da viagem—A Porta do Sol





de Madrid

na sua collina vigilante, resguardada pelas muralhas e baluartes do conde de Lippe, Elvas surge, toda branca, com o seu aqueducto em arcarias. O Napier sobe velozmente as rampas íngremes, com os seus fortes pulmões de 40 cavallos, e entra em Elvas tendo feito 236 kilometros sem uma *pane*. Eram seis horas e vinte e cinco minutos da manhã. Estávamos a 17 kilometros de Badajoz e a 396 kilometros de Madrid.



Atravesando o Guadiana na *punte de las Palmas*, o automovel descança emfim por algumas horas da sua marcha accelerada de «expresso». Parar quando se quer, partir com o unico horario do capricho; passar da lentidão anachronica da liteira ás velocidades maximas do comboio, essas são as vantagens supremas d'essa machina movida a explosões, com que o homem resolveu de tão maravilhosa maneira o problema que consistia em reduzir o desperdicio da locomoção. Quando se pensa que ha cem annos, um rei, dispondo de todos os poderes, gastaria quatro dias para fazer a marchas forçadas a viagem que em menos de um dia estavamos fazendo, o homem contemporaneo tem a noção orgulhosa da sua omnipotencia, e justo é que reconheça a felicidade de haver nascido algumas dezenas de milhares de annos depois do seu antepassado barbaro, que tão a custo se mantinha erecto nas suas felpudas pernas simiescas.

Abandonado, desde a saída de Lisboa, o projecto primitivo de um *record*, porque não haveríamos de repousar

tranquillamente em Badajoz? E largamente, abençoando os beneficios e os confortos da civilização, repousámos.

A' uma hora e cincoenta da tarde, o corredor Cundy retomava o volante. Tinhamos 150 kilometros para a primeira *étape* de Trujillos, onde vagamente pensavamos em pernoitar. De novo o automovel, através das planicies da Extremadura hespanhola, enfiando as rectas immensas em terceira velocidade, corria já na direcção a Madrid. Abriu-se então o cesto de vime e lanchou-se a 80 kilometros á hora... Por um momento hesitou-se em proseguir até á *villa coronada* n'essa vertigem insensata de corrida. Mas já na sua collina côr de serpa, banhando no rio os alicerces das suas muralhas arabes, romanas e visigodas, Merida nos retinha, fazendo-nos estacar deante das suas ruinas millenarias. A's



O Napier encahaldo em frente ao ministerio da guerra, na calle de Alcaía





Ponte de Mérida

quatro horas e dez minutos da tarde Trujillos aparecia-nos. Em *Turris Iulia*, como antes na *Emerita Augusta*, Cundy teve de esperar que visitassemos a cidade, sacrificando ás nossas exigências de *touristes* a vaidade de bater o *record* Lisboa-Madrid.

Essas diversões indolentes de *touristes* iamos porém pagal-as severamente. A's sete e meia da noite, Cundy retomava o seu lugar ao volante, decidido a não parar senão em Talavera e Madrid. Com os pharoes accesos e os reservatorios cheios de gasolina, o *Napier* recomeçou a sua marcha veloz, agora atravez das estradas de Castilla. D'esse longo percurso de 300 kilometros, á luz indecisa das estrellas, apenas o nosso olhar attento recolhia á passagem a visão phantasmagorica das povoações, entrevistas por momentos e logo dissipadas na escuridão. A temperatura descera abaixo de zero. Trepassava-nos um frio glacial. O terror de uma *paine* emmudecia-nos. Mas com uma regularidade incessante, a machina admiravel devorava o espaço, sem uma trepidação, como se a impelisse a



mão poderosa e favoravel de um destino. Finalmente, as tres horas da manhã, avistam-se as primeiras luzes de Madrid. Havia apenas vinte e sete horas que deixáramos Stubal, eom quatorze horas effectivas de marcha e nma despea de 23,20)

emgasolina. O *Napier* abrandou então o seu impeto vertiginoso, atravessou a ponte de Toledo, fez a ascensão da cidade, parando á porta do hotel Paris, na *calle* de Alcalá.

Uma hora depois de haver cumprido a sua ardua tarefa, uma candeia apagada traiçoeiramente o sepultava n'uma cova, onde o seu vigoroso organismo de aço, animado por uma maravilha de mechanica, ia ingloriamente paralyzar-se.

Não lhe faltaram porém os panegyricos da imprensa nem as curiosidades da multidão. Discutiram-no nos clubs e nas salas. Acabou como um valente e o proprio rei de Hespanha, referindo-se a elle, exclamava :

—Um bello carro! Foi pena!

C. M. D.

(Cliches de ARNALDO BONSRICA)



# A LEGIÃO PORTUGUEZA AO SERVIÇO DA FRANÇA

(Continuado do numero anterior)

Durante o tempo que os portugueses estiveram em Paris tratou-se de completar o effectivo da legião, dando os logares vagos a hespanhos de boa vontade. Entretanto, um regimento d'élite, exclusivamente composto de portugueses, granadeiros e caçadores, foi organizado sem que n'elle entrasse um só elemento estrangeiro.

A este, como aos outros corpos da legião, deram, depois, varias guarnições de confiança e comissões especiaes, como a da reunião dos recrutas refractarios; e n'isto se passou até 1811, epocha em que a legião foi mais uma vez reorganizada debaixo da direcção do Marquez d'Alorna e dos generaes francezes La Roche e Duverger, que formaram tres regimentos d'infantaria, dos quaes o primeiro era composto de companhias d'élite, e um regimento de cavallaria. No momento da partida para a Russia ainda houve uma escolha entre os homens da legião, porque o imperador só queria levar homens absolutamente validos para a nova campanha, que devia ser terrivel e que o foi effectivamente muito mais que se supunha.

Depois d'esta eliminção, o effectivo ficou sendo de seis mil homens todos fortes e saudaveis, commandados pelos coroneis Francisco Pego, C. J. Xavier, M. de Castro Pereira e o Marquez de Loulé.

O Marquez d'Alorna e Gomes Freire foram addidos ao estado maior de Napoleão.

Os regimentos de infantaria marcharam com o «grande exercito.» A cavallaria, na maior parte remontada na Alemanha, juntou-se ás tropas da «guarda», sendo utilizada para a protecção dos comboios de vivres e munições constantemente ameaçados pelos cossacos, que desde o principio da guerra usavam a tactica conservada até ao fim.



Passagem do Dnieper, por L. Gardette. (Salon de 1903)

Em Smolensko, o exercito de Napoleão encontrou, pela primeira vez, a extraordinaria pseudo-resistencia que os generaes russos tinham resolvido oppôr-lhe. Muitas vezes, com effeito, durante esta guerra terrivel, os russos fingiam marchar contra o exercito invasor, para lhe dar combate, mas quando os francezes se preparavam para os bater elles desappareciam.

A importante cidade de Smolensko era defendida por um forte exercito russo. Napoleão encarregou Ney d'ataca-la. Este marechal, depois de ter aprisionado alguns destacamentos do inimigo, recebeu ordem de atravessar o rio Dnieper, e, portanto, de construir algumas pontes sobre barcos. A fim de facilitar esta operação tornava-se indispensavel que uma força estivesse sobre a margem esquerda, a proteger o trabalho dos pontoneiros, e esse encargo perigoso coube aos portuguezes. Napoleão preferia-os, sempre, nas posições importantes, pois sabia que a sua bravura não recuava perante os maiores obstaculos.

O chefe de batalhão Moniz atravessou o Dnieper apezar do fogo vivissimo dos russos, e como o inimigo, entrincheirado fóra de portas, incommodasse muito os seus homens, atacou as trincheiras á bayoneta, forçando os seus atacantes a entrar na cidade alta noite; o segundo batalhão da legião juntou-se ao primeiro, e as pontes foram construidas sem difficuldade.

No dia seguinte houve o bombardeamento; e quando, vinte e quatro horas depois, os francezes se dispunham a dar o assalto, reconheceu-se que a praça fóra completamente abandonada pela guarnição e pelos habitantes, que fugiam para o interior da Russia, a fim de obrigar Napoleão a internar-se, cada vez mais, no immenso imperio.



Constantemente na, vanguarda Ney seguia audaciosamente a estrada de Moscova. Em Valontina encontrou os russos e houve uma batalha com grande mortandade, mas de resultado nullo. Ahí as tropas francezas soffreram grandes perdas e a infantaria portugueza foi de tal modo dizimada que o imperador reuniu os dois regimentos n'um só, ás ordens do coronel Pêgo.

Em 7 de setembro teve logar a horrenda batalha de Moskowa. Os russos estavam resolvidos a fazer um suppremo esforço para salvar a sua cidade Santa, e os francezes decididos a vencer. D'ahi resultou, apenas, a mais formidavel chacina de que ha memoria.

O regimento de infantaria portugueza teve um procedimento glorioso, mas perdeu metade do seu effectivo, isto é, quinhentos e sessenta

homens, entre officiaes e praças. No fim, reduzido a um simples batalhão, acompanhou Ney a Moscova, enquanto a cavallaria seguia o marechal Mortier.

Em Moscova a cavallaria portugueza era encastregada de obter forragens e alimentos para as tropas e por conseguinte obrigada a frequentes sahidas, das quaes voltava, sempre, com muitos homens de menos. Os cossacos, como os selvagens, inventavam os mais inverosimeis ardis para surprehender o inimigo; e uma vez, na estrada de S. Petersburgo, a cavallaria portugueza

achou-se cercada por tres mil cossacos e só escapou ao seu completo exterminio entrincheirando-se n'umas ruinas onde se defendeu até que os francezes lhe vieram acudir. E' sabido o que succedeu em Moscova. A fome, o frio, as doenças dizimavam as tropas. Reinava completa desordem. Napoleão comprehendia bem que semelhante situação não podia prolongar-se e ordenou a retirada para França. As primeiras tropas partiram a 18 de outubro.



1—Retrato do marechal Ney (Quadro existente no Museu de Versailles) 2—Retrato do general de divisão marquez d'Alorna



Mil vezes tem sido descripta essa retirada através povoações destruidas e campos devastados. A' fome veiu em breve juntar-se um frio cruel, que elevou ao maximo o soffrimento do exercito. Os soldados extenuados abandonavam as armas para facilitar a marcha. A confusão e a indisciplina eram completas. A cada paragem augmentava o numero dos desaparecidos, que eram todos os que se deixavam ficar atraz, porque os camponios russos massacravam-nos sem misericordia.

As peripecias d'esta funesta retirada enchem volumes e n'ellas os portuguezes só

um só regimento francez e se chegára ao extremo de compôr batalhões «sagrados», unicamente com os officiaes sobreviventes, o regimento de infantaria portugueza de Francisco Pêgo e o de cavallaria do marquez de Loulé mantinham-se intactos. Nas suas fileiras havia claros, comprehendese, mas devido á fome, ao frio e ao ferro do inimigo. E, portanto, não deviam ser os portuguezes que mais deviam soffrer com a inclemencia do inverno excepcionalmente rigoroso d'esse anno?

E dizer que estes heroes que immortalisaram o nome portuguez pela sua fide-



Um episodio da retirada da Russia: O general Ney, defendendo-se a tiro (Quadro existente no Museu de Versailles)

apparecem dignamente no meio da desordem geral. Levados para uma longinqua expedição pelo prestigio de um homem que em dado momento os entusiasmou, condemnados a vêr os seus heroicos feitos completamente esquecidos, porque a gloria de tantas campanhas iria enriquecer os annaes militares da França e não da sua patria, os portuguezes, defendendo á custa de sacrificios extraordinarios uma bandeira que não era a sua, devido ao seu espirito militar e á estima que tinham pelos seus chefes, souberam conservar-se unidos e disciplinados até ao fim da tragica retirada.

Quando não existia mais, por assim dizer,

lidade e bravura eram amaldiçoados pelos seus concidadãos, que os consideravam como traidores, e condemnados ao esquecimento da Historia!

Quando o exercito francez, em atirador, chegava a Orcha, ouviu-se um grande tirotoio na retaguarda. Instinctivamente toda a gente gritou: «Ahi vem o marechal Ney!» Era elle, com effeito, o bravo dos bravos, que não tardava a apparecer ao longe, perseguido ferozmente pelos cossacos.

Formou-se logo espontaneamente uma columna de voluntarios para lhe acudir; e á frente d'elles Ney reconheceu os dois regimentos portuguezes,

dos quaes elle dizia que os punha sempre á frente, porque estava certo de que, marchando-se sobre os seus passos, se seguia o caminho da gloria.

Na margem esquerda do Beresina acharam-se reunidos os restos do «grande exercito», a que vieram juntar-se as tropas deixadas atraz a fim de proteger as communicações. O Marquez d'Alorna, governador de Mohilew, trouxe, com a guarnição d'esta cidade, o seu regimento de infantaria portugueza, quasi completo, e uma grande quantidade de viveres e provisões de guerra que não podiam chegar mais a proposito. Depois começou a passagem do Beresina.

Valerá a pena registrar aqui as scenas desoladoras que notabilisaram, para sempre, essa manobra militar?

A retirada ameaçada pela reunião dos dois exercitos russos contidos á custa de esforços sobrehumanos; a dedicação sublime do general Eblé, com os seus pontoneiros; as pontes invadidas tumultuosamente pela multidão apavorada; os soldados abrindo caminho brutalmente, á ponta de bayoneta; os canhões a rodar desapiadadamente sobre os corpos ainda palpitantes; os cavalleiros a galopar sobre os infelizes que tombavam; os desesperados atirando-se ao rio para morrerem mais depressa; e, finalmente, as bombas do exercito russo a cahir com uma regularidade desesperadora e a levar ao seu auge o terror e a loucura dos feridos e dos homens da retaguarda que acabaram por serem envolvidos pelos cossacos... Eis o que foi a passagem do rio Beresina.

N'esse dia e nos que se seguiram o contingente portuguez soffreu tantas baixas que, em Moedestchini, o general Gomes Freire apenas pôde reunir cento e cincoenta homens em volta de si; e ainda as misérias da retirada estavam no começo!

Em Smorghoni, Napoleão deixou o



O duque

de Saldanha

exercito e partiu a toda a pressa para França. Esta determinação produziu um effeito deploravel nos soldados, que não comprehendiam as considerações politicas a que obedecia o imperador.

O descontentamento, então, chegou ao cumulo quando se soube que o commando em chefe tinha sido dado a Murat e não a Ney. Os ultimos laços da disciplina desfizem-se e rebentou uma anarchia impossivel de imaginar. Não havia, mais, regimentos nem companhias; os soldados em massa tumultuosamente avançavam sem se importar dos seus chefes. Praticavam-se actos de uma

barbaria revoltante. Como as estradas de Smorghoni a Vilna eram em descida constante e escorregadia, devido á geada que as cobria, os tombos eram frequentes e homem que cahia era homem perdido, porque os soldados, egoistas como feras, em vez de o ajudar a levantar, atiravam-se a elle, arrancavam-lhe os sapatos, o capote e alguns valores que tivesse. Se o desgraçado tentava defender-se morria cravado ao solo por uma bayoneta. Chegavam, mesmo, a não esperar as quedas: provocavam-nas aos suspeitos de trazerem consigo alguns viveres. E estes homens eram antigos camaradas, companheiros de glorias!

Em Jourpranani, alguns soldados, quasi gelados, deitaram fogo a cabanas de palha, queimando vivos muitos camaradas que lá se tinham abrigado.

Este acto abominavel teve por testemunhas os officiaes portuguezes Neves Franco e José Venancio, que estavam abrigados nas pathotas e puderam fugir a tempo.

Vilna foi uma estação de delicias, na via dolorosa percorrida pelo exercito francez. N'esta cidade o Marquez de Loulé reuniu á meza os seus patricios, officiaes e soldados, e essa refeição entre compatriotas esfo-meados e quasi agonisantes apertou ainda mais os laços da tocante solida-



riedade que os unia.

De resto, quem possuísse dinheiro encontrava em Vilna abundante alimentação. Muitos pagaram caro a felicidade de matar a fome. As ruas estavam cheias de soldados deitados no chão, repletos de carne e aguardente; e, como nada os fazia sahir do seu torpor, por lá ficaram para sempre, pois os cossacos não tardaram a apparecer...

O mesmo succedeu em Kowno. Na maior praça d'esta cidade viu-se, nm dia, mais de cem toneis arrombados, ao lado dos quaes estava estendido nm consideravel numero de soldados. Cahiu a noite, muito fria, e os infelizes passaram, sem transição, da embriaguez para a morte.

A mais escandalosa scena da retirada pas-

Ney se lançaram também, com avidez. O mais extraordinario é que os cossacos, percebendo, ao longe, o que se passava vieram, a galope, tomar a sua parte e viu-se (caso unico!) os inimigos a fraternisar no roubo.

Em Niemen a dolorosa odyssea toca o seu termo. Os russos perseguiram, ainda, os francezes, mas a retirada toma agora um aspecto quasi correcto. Que alegria para os portuguezes a de encontrar camaradas que os cossacos tinham separado da grande massa do exercito! Que felicidade a de se tornar a vêr! E que satisfação a de tomarem banho e se vêrem livres dos incommodos farrapos que os cobriam! Emfim, gosavam com delicias do bem estar de que ti-



Passagem de Beresina, por Tournier

Sarloweaz (Saion de 1900)

sou-se perto de Vilna, á vista do marquez de Loulé e de dois outros officiaes portuguezes, que tinham obtido um tremó, puxado por bons cavallos. As tropas subiam o morro de Vatzá, n'uma estrada inteiramente gelada e escorregadia. Os homens da escolta da equipagem de Napoleão e do thesouro do exercito faziam esforços inauditos para vencer a ladeira, mas em vão; os animaes não podiam.

N'isto ouviu-se, ao longe, o troar dos canhões russos e appareceram, ao mesmo tempo, a correr, as tropas de Ney, encarregadas de cobrir a retirada. A escolta da equipagem, ao vêr o que se passava, deixou de lutar contra a inercia dos cavallos, arrombou as caixas do thesouro e começou um verdadeiro saque, ao qual os soldados de

nham sido privados tanto tempo. Em Koenigsberg os portuguezes foram achar Gomes Freire e o marquez d'Alorna. O marquez e o seu sobrinho José Tancos morreram ahí devido aos soffrimentos da retirada: as privações e o frio faziam ainda victimas. Dos cinco mil homens da legião portugueza, que foram para a Russia, voltavam pouco mais de uma centena: do regimento de cavalaria apenas existiam dez officiaes!

Em 1813 Napoleão, que reclamava da França as ultimas gotas do seu generoso sangue, lembrou-se de aproveitar os restos da legião portugueza. Não podendo formar um corpo especial, devido ao insignificante numero de homens escapados da Russia, dispersou-os nas fileiras do «grande exercito.» Com es

cavalleiros que tinham ficado em Grenoble formou um esquadrão commandado pelo capitão J. Garcez Pinto Madureira, e mandou-o tambem incluir no «grande exercito.»

Gomes Freire, com o seu official ás ordens Theotónio Banha, reuniu-se ao estado maior de Napoleão em 17 de abril de 1813; acompanhou o imperador até Lutzen e de lá foi enviado a Yéna na qualidade de governador da praça. Mal chegou a esta cidade percebeu a importancia do movimento patriótico que minava toda a Allemanha, como succedera em Hespanha e Portugal. Em consequencia d'esta observação resolveu estar sempre prevenido e áleria, de fórma que quando um corpo livre, de mil e seiscentos estudantes, tentou apoderar-se de Yéna, Gomes Freire, com uma insignificante força de duzentos lanceiros, que era a que possuía, bateu, dispersou e aprisionou muitos dos estudantes patriotas.

O imperador, apreciando a diplomacia enérgica de Gomes Freire, n'um posto secundario, deu-lhe o governo de Dresde, que era de grande confiança n'esse momento, pois era n'essa cidade que Napoleão concentrava as forças. Gomes Freire mostrou-se digno da honra que lhe fôra concedida e cercouse de officiaes seus compatriotas escolhidos entre os mais dignos, nomeando chefe do seu estado maior o chefe de esquadrão Achilles Pereira e primeiro ajudante de campo o capitão Luiz Mendes de Vasconcellos.

Durante o armistício que se seguiu á batalha de Bantzen, houve magnificas festas em honra de Napoleão. O commandante da praça, com os officiaes seus patrióticos conseguiram, com a sua alta distincção e affabilidade, que as damas da melhor sociedade de Dresde tomassem parte nos jantares e reuniões de gala.

Acabado o armistício, Gomes Freire teve noticia, por alguns fugitivos, de que

os austriacos tinham trucidado a guarnição franceza de Pilna, e temendo, á vista d'isso, ser tambem atacado em Dresde por algum forte exercito, ao qual elle não estava em condições de resistir, mandou immediatamente avisar Napoleão, que, com a promptidão com que tomava todas as suas resoluções, acudiu logo.

Foi lá que alguns dias depois se deu a celebre batalha, a mais gloriosa d'esta campanha. Do alto de uma torre, Gomes Freire seguiu todas as peripecias com o auxilio de um oculo d'alcançe, e viu a desordem que se deu no brilhante grupo de officiaes inimigos, em que figuravam o imperador da Russia e o rei da Prussia, quando uma bala de um canhão francez puniu o general Moreau da sua traição.

Napoleão deixou Dresde a 1 d'outubro. Quatro dias depois o exercito austro-russo cercava a cidade. Mas o imperador tinha deixado um corpo de vinte mil infantes e quatro mil cavalleiros, sob as ordens do marechal Gouvion Saint-Cyr. Gomes Freire, nas suas funções de governador, continuou a tratar de tudo, encarregando o seu estado maior do serviço da policia da cidade, no que tanta prudencia e actividade empregaram que nunca houve a menor manifestação dos patriotas, que eram em grande numero.

Gouvion Saint-Cyr repeliu victoriosamente o grande assalto dos alliados, os quaes, em logar de se retirarem, alargaram, simplesmente, o cerco, a fim de que o fogo da praça os não alcançasse.

Assim bloqueadas, as tropas de Dresde ignoravam o que se passava fóra, e sómente a 25 d'outubro souberam da derrota de Napoleão em Leipsick, devido ás tropas de Wurtemberg, que recusaram bater-se, aos bavaros que ameaçavam de lhe cortar a retirada, e, finalmente, aos meritos guerreiros de Bernadotte, antigo marechal do exercito francez, já n'esse tempo principe da Suecia, e que pagava os beneficios de Napoleão ligando.



General Gomes Freire



se aos seus inimigos. Durante estes acontecimentos as tropas que cercavam Dresde augmentavam constantemente, mas, apesar da sua posição critica e mesmo desesperada, Gouvion e Gomes Freire defendiam-se heroicamente, como se de um momento para o outro pudessem chegar socorros efficazes.

Entretanto, a falta de viveres fazia-se sentir. Para os obter, tres dias seguidos mandaram sair um destacamento de seis mil homens. As duas primeiras sortidas deram excellentes resultados, mas na terceira o destacamento teve que recolher á praça em debandada.

D'ahi em diante a guarnição ficou reduzida a meias rações e a esta miseria veio juntar-se a epidemia do typho, que matava de cem a cento e vinte homens por dia.

alegria, porém, não durou. Gouvion Saint-Cyr, que guardava todo o seu sangue frio, notou que as tropas inimigas, entradas no reducto, se achavam separadas do resto do exercito e mandou dar-lhes, pela retaguarda, uma carga á bayoneta, escolhendo para esse fim soldados decididos a vencer ou a morrer.

O que se seguiu foi medonho! Dois mil e quinhentos homens dos alliados ali ficaram empilhados uns sobre os outros! Gomes Freire e Theotonio Banha, que tinham assistido á matança de Moskowa, confessaram-se horrorizados á vista d'aquelle espectaculo.

Foi sob a impressão d'esta lucta heroica que se principiaram as negociações relativas á capitulação, e por isso os defensores da praça obtiveram as mais honrosas condições.



Napoleão abandonando o exercito na Russia. (Quadro de Chelminsky exposto no Salon em 1805)

Para completar a defeza da praça o marechal Gouvion tinha construido reductos de terra, atraz dos quaes esperava, a pé firme, o inimigo.

Não esperou muito tempo. A 3 de novembro os alliados avançaram, com forças importantes, sobre o reducto que protegia a porta chamada de Messen. Furioso da resistencia que encontrava, o general russo Tolstoi mandou ao assalto columnas sobre columnas; e tantas foram que, no fim, os seus camaradas, subindo sobre os montes de cadaveres, conseguiram entrar no reducto. A sua

Ficou decidido que a abandonariam em seis dias e em columnas que partiriam todas as manhãs em direcção a Strasbourg. O inimigo seria obrigado a fornecer-lhes viveres e alojamentos até chegarem a essa cidade. Os officiaes e um batalhão da guarda que se achavam em Dresde poderiam sair com armas e bagagens, assim como poderiam os francezes levar alguns canhões vindos de Paris.

A capitulação concluiu-se a 12 de novembro, com as assignaturas dos generaes em chefe russo, austriaco e francez. A primeira columna partiu a

13 e a ultima a 18, sendo esta sob as ordens de Gomes Freire. Quando este general saiu é que os alliados entraram na cidade.

Retirar-se n'estas condições equivalia, quasi, a uma victoria, e, por esse motivo, os monarchas alliados recusaram-se a confirmar a capitulação assignada pelos seus generaes. D'ahi resultou que, a 20 de novembro, os francezes, que já se achavam em Kemnitz, foram intimados a suspender a marcha.

Dias depois chegou a noticia de que a capitulação não tinha sido ratificada e que deviam voltar a Dresde a tomar as mesmas posições que occupavam antes de partir, ou então internar-se na Hungria como prisioneiros de guerra. Nunca se vira semelhante violação á fé dos contractos!

Mas como resistir? Os soldados francezes com Gomes Freire e o seu estado maior foram conduzidos para a Hungria e lá ficaram até á assignatura da paz. Theotónio Banha, que se perdeu durante a marcha, cahiu nas mãos dos cossacos. Mais tarde permittiram-lhe que embarcasse na Hollanda, com destino a Portugal.

Assim que os alliados penetraram na França, fizeram desarmar os estrangeiros do exercito francez. Os poucos homens que existiam da legião portugueza, um cento, no maximo, foram reunidos em Grenoble e depois enviados a Bruges. N'esta cidade os portuguezes encontraram alguns dos seus compatriotas, que tinham sido aprisionados pelos francezes em Hespanha.

Luiz XVIII mandou propôr aos nobres res-

tos da legião que ficassem ao seu serviço, com as patentes e privilegios que possuíam, mas poucos aceitaram e a maior parte seguiu para Portugal.

Perto de Bayona encontraram o exercito anglo-portuguez. Os legionarios foram apresentar-se aos regimentos a que antes pertenciam, sendo, porém, mal recebidos e collocados nas fileiras com as patentes que possuíam em 1808. Chocados, com razão, de tal acolhimento, a maior parte d'elles pediu a reforma e outros voltaram para França.

Os legionarios que se acharam reunidos em França, depois da guerra, andavam por quatrocentos, entre officiaes e soldados, que puderam voltar do fundo da Siberia em 1815. A muitos permittiu-se que embarcassem para Portugal, indo pela Inglaterra. O mesmo succedeu com muitos legionarios perdidos e prisioneiros na Alemanha.

Alguns simples soldados ficaram, para sempre, na terra que tinham defendido como se fôsse a sua. Na capital todos elles obtiveram empregos de confiança na casa da moeda, no Louvre ou no ministerio da guerra, e ainda ha quem conheceu, vivendo muito unidos, dezeseis d'esses bravos que, em Paris, constituíram familias—ainda hoje orgulhosas de descenderem de homens que, pela sua coragem, pela sua disciplina e pelo seu espirito de sacrificio, acrescentaram uma pagina gloriosa á historia militar da França.

*Compilado do francez por*

A. D'AGUILAR.



A revista nas Tulherias, por Bellangé Dauzats (Existente no museu do Louvre)



# M.<sup>me</sup> Juliette Adam em Lisboa

A illustre escriptora franceza Madame Adam (Juliette Lamber) visitou novamente Lisboa, acompanhada pela poetisa Mademoiselle Houchard. A directora da *Nouvelle Revue* é uma figura saliente da litteratura feminina europêa, auctora de uma larga serie de volumes, o primeiro dos quaes tem a data de 1858. O romance, o conto, as descripções de viagem, as questões politicas e sociaes tem sido alternadamente abordadas por Madame Adam com indiscutivel talento, e alguns dos seus livros, especialmente *Patience*, conquistaram-lhe merecida notoriedade. No nosso paiz, ao qual a distincta escriptora consagrou um volume de impressões, intitulado *La Patrie Portugaise*, e publicado em 1896, é o seu nome tambem muito conhecido, e em Lisboa Madame Adam mantém antigas e affectuosas relações no nosso meio litterario e mundano, sendo por esse motivo bastante amavel a recepção que tem entre nós.



1—Madame Juliette Adam  
2—Os convivas do banquete offercido a Madame Adam, no Avenida Palace, no dia 29 de março. 2—Mademoiselle Houchard  
(Clichés de VASQUES E BENOLIEL)

R. THEATRO DE S. CARLOS.

# A OPERA "SALOMÉ"



O scenário e os interpretes com o maestro Mignone, da opera *Salomé* de Strauss, na noite da sua primeira representação em 20 do mez findo

(Cliché de BROSOLINI)





EXPOSIÇÃO TEIXEIRA BASTOS — Damos aos nossos leitores a reprodução de tres das principais telas do distincto professor ar. Julio Teixeira Bastos, cuja exposiçáo

de trabalhos de pintura foi inaugurada no dia 1 do corrente, no seu atelier, e que constitue uma brilhante demonstração do talento do insigne artista.



MARIO CAU DA COSTA DE SANTA RITTA — Ainda ha pouco succumbiu a uma meningite tuberculosa este infeliz rapaz, que era filho do fallecido Guilherme de Santa

Ritta, que foi um poeta e escriptor de merecimento.

O filho herdou a intuição poetica do pae, mas a sua feição caracteristica era a de um pessimismo extraordinario aos vinte annos, e para o qual concorreram certamente dois factores—o ter assistido á lenta e prolongada agonia do pae, que succumbiu a uma tuberculose, e o ser elle proprio um tuberculoso.

Além de varios versos, muitos dos quaes publicados já, o pobre rapaz tinha em preparação um poema que pelo titulo *Os Monstros* indica já a sua feição pessimista. O soneto que publicamos fazia parte d'elle, intitulado-se *No meu quarto*.



*Vi esta noite em volta do meu leito,  
Adejando suave um espectro algente,  
Que me disse baixinho sobre o peito:  
«Soffre! que soffres miseravelmente!»*

*Ergui-me... Disse: nunca mais me deito!  
...E o relógio a bater nervosamente  
Como o meu pobre coração estreito,  
Já tão fartinho de pulsar, doente!*

*Se eu soubesse resar!... (ponho-me a rir)  
E o relógio a falar! Deixa tossir...  
Ai se eu pudesse adormecer, sonhar!...*

*Sombras... Anthero, José Duro, além...  
Avé-Maria... Minha santa mãe!...  
Deixem-me todos... deixem-me chorar!*

# Sociedade Elegante

## D. Helena Hamilton Villegas

Entre as diplomatas que mais largas sympathias tinham conquistado na nossa sociedade elegante, e que n'ella destacava como brilho de uma excepcional distincção, não podia deixar de contar-se em primeira linha a gentilissima esposa do illustre encarregado de negocios da Republica Argentina.

O sr. D. Jacinto Villegas estava ha annos já em Lisboa, e era, por sua vez, bastante e mercedidamente estimado tambem. As exigencias da sua carreira diplomatica obrigaram-no, porém, a regressar agora ao seu paiz, poucos dias depois até, por signal, dos distinctos diplomatas terem inaugurado, com uma das mais bellas recepções da estação, a sua nova residencia na qual se revelava, em cada pormenor decorativo, o delicado bom gosto da dona da casa. Não admira, pois, que a partida da sr.ª D. Helena Hamilton Villegas tenha deixado a mais viva saudade em todos os salões aristocraticos da nossa capital.

(Clichê de VIDAL & FONSSACA)





# SPORTS



## O CERTAMEN DOS ESTUDANTES EM PALHAÇA

1—O jury presidido pelo sr. Guilherme Ferraz Pinto Basto, assistindo as provas

\*\*\*

2—O sr. Joaquim Costa, membro do jury, lendo as respectivas instruções

\*\*\*

3—Um salto em comprimento

\*\*\*

4—Corrida d'obstaculos



1—Os alunos do lyceu Passos Manuel que formaram a «equipe» vencedora das Taças,  
 com o professor Arthur dos Santos, trainer da luta de tracção  
 2—Luta de tracção: A «equipe» do Real Colégio Militar  
 3—Os vencedores do salto de vara 4—O sr. Fontoura da Costa, reitor do lyceu Passos Manuel,  
 entregando os premios (Cliché de 88/04.121.)



# LÁ POR FÓRA

O major Parseval, inventor do dirigível militar alemão bem conhecido, conversando com os officios do batalhão aerostático de Berlim, por occasião das festas comemorativas do seu 52.º anniversario, que se realisaram em 27 de março último e que foram especialmente constituídas por uma revista, a que assistiram o generalissimo Hahnke, o ministro da guerra e diferentes generaes

(Cliché de CH. DELIUS)



O IMPERADOR DA CHINA — Damos aos leitores o retrato de joven imperador da China, aproveitando a oportunidade que offerecem os recentes acontecimentos de Macau, de tão indiscutivel importancia para nós.



VISITA DE UM PRINCE INDIANO A EUROPA: O Maharajah de Bharatpur, de 9 annos de idade, partiu ha pouco para a Europa a fim de tratar da sua saude, acompanhado pelo major Fisher, do serviço medico inglez da India, e pela sr.ª Southerland, dama de companhia de sua mãe. A photographia que reproduzimos foi tirada por occasião da sua estada no Cairo, d'onde o joven principe partiu em 26 de março para Marselha

(Cliché de CH. DELIUS)